

Resumos dos temas livres

(Em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor)

1 — UVEÍTES EM SÃO PAULO — estudo epidemiológico, clínico e terapêutico

MARIZA TOLEDO DE ABREU

Assistente colaboradora de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina. Chefe do setor de uveítes e profa. colaboradora da Faculdade de Medicina de Jundiaí.

PEDRO SEIJI HIRATA

Assistente colaborador de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina e chefe do setor de uveítes.

RUBENS BELFORT JR.

Prof. titular de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Jundiaí. Auxiliar de ensino de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina.

SEBASTIAO DOMINGUES NETO

Residente do 2º ano de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina, 1978.

Em 550 casos de uveítes atendidos na Escola Paulista de Medicina, no período de julho de 1975 a janeiro de 1979, foram encontrados:

Toxoplasmose (56,81%); uveítes desconhecidas (17,61%); tuberculose (3,98%); ciclite crônica (2,51%); Vogt-Koyanagy-Harada (2,51%); Fuchs (2,30%); Behçet (2,30%); sífilis (1,88%); iridociclite com sacrollite (1,46%); vasculite (1,46%); hanseníase (1,04%); toxocaríase (0,83%); metástases bacterianas (0,83%); associações (0,83%); artrite reumatóide juvenil (0,62%); coroidites não granulomatosas (0,62%); sarcoidose (0,62%); artrite reumatóide do adulto (0,41%); Reiter (0,41%); candidíase (0,20%); leptospirose (0,20%); retinites (0,20%); e panencefalite esclerosante e sub-aguda (0,20%).

2 — CORREÇÃO CIRÚRGICA DAS SÍNDROMES EM A E V PELOS DESLOCAMENTOS VERTICAIS MONOCULAR E BINOCULAR DE RETOS HORIZONTAIS

HENDERSON C. ALMEIDA

Prof. Adjunto de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais*

TESE DE LIVRE DOCÊNCIA — 1979. Elaborada no Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

O autor estudou a correção da anisotropia em A e V em 60 pacientes. Esses foram divididos em 2 grupos: o Grupo I constou de 30 casos submetidos ao deslocamento vertical, monocular, dos 2 retos horizontais, e o Grupo II foi constituído de 30 pacientes submetidos ao deslocamento vertical, binocular, de retos horizontais (2 retos mediais ou 2 retos laterais). Houve melhor correção da anisotropia com a técnica monocular.

As 2 técnicas comportaram-se de modo semelhante quanto à produção de hipertrofia.

3 — EXOFTALMO ENDÓCRINO — Radioterapia. Resultado em 7 casos.

CARLOS ALBERTO RODRIGUES ALVES

Professor-Assistente Doutor do Departamento de Oftalmo-otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

VITÓRIO FERIANCIC

Médico-Assistente, encarregado do Serviço de Radioterapia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

WALTER BLOISE

Médico-Assistente Doutor da Disciplina de Endocrinologia do Departamento de Clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

**WILIAN NICOLAU &
ARMANDO DE AGUIAR PUPO**
Professor-Assistente Livre-Docente da Disciplina de Endocrinologia do Departamento de Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

MARISTELA VASCONCELOS LEITE
Médica Pós-Graduada da Disciplina de Endocrinologia do Departamento de Clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Em sete portadores de formas graves ou moderadamente graves de exoftalmo endócrino foi realizada a radioterapia orbitária. Os efeitos foram bons sobre algumas das manifestações sindrômicas e pouco ou nada expressivos sobre outras. A iatrogenia foi mínima.

4 — SENSIBILIDADE CORNEANA EM DIABÉTICOS

MILTON RUIZ ALVES
Médico-Assistente da Divisão de Clínica Oftalmológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Serviço do Prof. Dr. Paulo Braga de Magalhães).

Os autores submeteram à medida da sensibilidade corneana com o estesiômetro de Cochet e Bonnet, 60 pacientes com diabetes mellitus e 45 controles. Reagiram aos estímulos de 60 mm do estesiômetro, respectivamente, 38,1% dos olhos do grupo diabetes e 93,2% daqueles do grupo controle. A idade dos pacientes, o tempo de evolução da enfermidade e a presença de retinopatia diabética, influenciaram estatisticamente no aumento do limiar de sensibilidade táctil corneano, que ocorreu simetricamente em ambos os olhos de um mesmo indivíduo.

Este estudo também sugere que a redução de sensibilidade corneana nos diabéticos forma parte de um quadro de polineuropatia difusa, devendo tornar-se medida de rotina a aferição da estesiometria corneana nesses pacientes.

5 — PTERÍGIO — Análise histopatológica do material fornecido por dois grupos cirúrgicos

MARCELLO L. DE AZEVEDO
Professor Assistente de Clínica Oftalmológica do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Serviço do Prof. Paulo Braga de Magalhães).

SHIGUETAKA SATO
Chefe do Serviço de Oftalmologia do Hospital Nossa Senhora da Penha (São Paulo).

**MIRIAM NACAGAMI SOTTO &
MARIA DE LOURDES HIGUCHI**
Auxiliar de Ensino do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Os AA. apresentam os resultados de uma casuística clinicamente diagnosticada como pterígio, e submetida a exame histopatológico sistemático. A casuística foi fornecida por duas equipes cirúrgicas: o Grupo I por uma equipe heterogênea de cirurgiões (Residentes e Assistentes da Clínica Oftalmológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) e o Grupo II formada por uma equipe homogênea de oftalmo-cirurgiões (Hospital Nossa Senhora da Penha). Verificou-se que o Grupo I errou o diagnóstico clínico de pterígio em 50,5% dos casos, e o Grupo II errou o mesmo diagnóstico em 25,4% dos casos. Ressaltam a necessidade de se realizar uma semiologia mais apurada dos pterígios, com a finalidade de diminuir os erros de diagnóstico, e também que todo pterígio excisado seja submetido a exame anátomo-patológico.

6 — IDENTIFICAÇÃO DE LINFÓCITOS T e B EM CONJUNTIVITES FOLICULARES E NA SÍNDROME DE SJÖGREN

RUBENS BELFORT JUNIOR
Tese de Mestrado — 1978. Apresentada ao Curso de Pós-graduação de Microbiologia e Imunologia da Escola Paulista de Medicina.

NELSON F. MENDES
Prof. Titular de Imunologia da Escola Paulista de Medicina.

A presença e a localização preferencial de linfócitos T e B foi estudada em cortes histológicos obtidos de 34 pacientes com patologia ocular. Foram realizadas biópsias conjuntivais em 18 pacientes com conjuntivites foliculares (Adenovirus, Chlamídia, Herpes Simplex, iatrogênica pelo uso de idoxuridina, Molluscum contagiosum e Foliculose crônica) e em 13 pacientes com Síndrome de Sjögren. Biópsias lacrimais foram efetuadas em 4 pacientes com Síndrome de Sjögren e em 3 indivíduos sem patologia ocular ou lacrimal. As biópsias eram congeladas, cortadas em criostato e os cortes cobertos com marcadores de linfócitos T e B; respectivamente hemácias de carneiro (E), hemácias humanas sensibilizadas com anticorpo e complemento (HEAC).

Independente da etiologia todos os casos de conjuntivites foliculares mostraram o mesmo aspecto. Linfócitos B estavam presentes em número muito maior que os linfócitos T. Nos folículos mais bem desenvolvidos os linfócitos T ocupavam a periferia enquanto os linfócitos B se achavam preferencialmente nas porções mais centrais.

Nos pacientes com Síndrome de Sjögren, os linfócitos B também se achavam presentes em número maior mas o número de linfócitos T era maior que nos casos de conjuntivite folicular. Os infiltrados de glândula lacrimal mostraram linfócitos T esparsos enquanto que os linfócitos B eram em número maior e formavam agregados perto de vasos sanguíneos.

A conjuntiva e a glândula lacrimal normais não mostraram adesão para E ou HEAC.

7 — DEAMBULAÇÃO E ALTA PRECOSES NO PÓS-OPERATÓRIO DA CIRURGIA DA CATARATA SENIL

JOAO FERNANDO BERTON &
FLAVIO PASQUINELLI FILHO
Médico voluntário do serviço de oftalmologia do departamento de oftalmologia-otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

WALTER PINTO JR.
Médico residente do Serviço de oftalmologia do Departamento de oftalmologia-otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

JOSÉ CORREIA DA FONSECA NETO
Prof. livre docente do Departamento de Genética da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Os autores apresentam uma série de 31 pacientes submetidos (num período de 6 meses) à crioextração de cristalino afetado por catarata do tipo senil. Advogam alta hospitalar no primeiro pós-operatório (24 horas de hospitalização), e concluem pelas vantagens econômicas, sociais e médicas de tal conduta.

8 — DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICA PARA UTILIZAÇÃO DO FOTOCOAGULADOR DE XENÔNIO NO TRATAMENTO DA CÓRIO-RETINOPATIA SEROSA CENTRAL (CSC).

PEDRO PAULO BONOMO
Professor colaborador e responsável pela Seção de Retina do Departamento de Oftalmotorrinolaringologia da Escola Paulista de Medicina.

É analisado o comportamento de 19 olhos de 18 pacientes portadores de CSC após a fotocoagulação com aparelho de lâmpada de Xenônio. A técnica utilizada é diferente das convencionais podendo-se, sem complicações, fotocoagular pontos dentro da região macular e feixe papilo-macular, aproximando-se mais da região foveal.

9 — TRABECULECTOMIA — seu estado atual no glaucoma crônico simples

MARIO LUIZ DE CAMARGO

Médico Assistente da Clínica Oftalmológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Baseado na experiência de 128 Trabeculectomias, com um "follow-up" de 1 a 6 anos, e em uma extensa revisão da literatura, o autor analisa o histórico, técnica cirúrgica, resultados, mecanismos de ação e complicações no Glaucoma crônico simples. Discute os resultados obtidos em pacientes de cor branca e negra.

10 — VASCULITE DA PÁPILA

RENATO DIAS CARDOSO

NASSIM CALIXTO

Quatro casos de vasculite da papila são descritos. Esta entidade clínica, de etiologia possivelmente inflamatória, acomete sobretudo jovens sem outras alterações oculares ou sistêmicas associadas. A doença é usualmente unilateral, produzindo baixa temporária da acuidade visual e tem curso benigno e limitado, caracterizando-se principalmente pela presença de papiledema e sinais de obstrução da veia central da retina. O prognóstico visual é geralmente favorável. A utilização dos corticosteróides no tratamento da doença é considerada. O quadro clínico, patogênese, diagnóstico diferencial e tratamento da vasculite da papila são discutidos detalhadamente.

11 — DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DO DESCOLAMENTO DE RETINA E HEMORRAGIA VÍTREA ORGANIZADA, ATRAVÉS DA ULTRASONOGRAFIA QUANTITATIVA "A"

CELSE ANTONIO DE CARVALHO

Professor Adjunto Livre-Docente da Faculdade de Medicina da U.S.P.

ALBERTO JORGE BETINJANE

Professor-Doutor da Faculdade de Medicina da U.S.P. (Serviço do Professor Dr. Paulo Braga de Magalhães).

Foram estudados olhos comprovadamente portadores de descolamento de retina e hemorragia vítrea organizada através da ecografia "A". Foi possível estabelecer limites de valores da refletividade diferencial das referidas lesões que justificam a grande importância diagnóstica do método, sobretudo em olhos com meios opacos.

Verificou-se que a incidência de D.R. é muito maior do que a incidência de H.V. na faixa considerada "bordelaine" por Ossoinig. Por outro lado, os casos de hemorragia vítrea organizada nunca mostraram valores abaixo de 18 dB.

As nossas observações permitem talvez estreitar a faixa "bordelaine" de Ossoinig de 16-20 dB. para 18-20 dB.

12 — FERIMENTO PERFURANTE DE GLOBO OCULAR NA INFÂNCIA

MARIA TERESA BRIZZI CHIZZOTTI

Residente da Clínica Oftalmológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Os autores estudaram 364 casos de ferimento perfurante de globo ocular em crianças de até 15 anos de idade, admitidos no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, no período de 1970 a 1977. Estes casos representam 48,7% do total de ferimentos perfurantes atendidos durante este período, encontrando uma incidência de 74,7% do sexo masculino,

com uma relação de 2/1 no grupo de 0 a 6 anos, 3/1 no grupo de 6 a 11 anos e de 5/1 no grupo de 11 a 15 anos de idade. As causas mais comuns de ferimentos perfurantes oculares foram objetos ponteagudos (31,6%), contusão (30,7%) e objetos volantes (20,0%).

Ressaltam a correlação entre a gravidade do ferimento e o prognóstico visual, mostrando que 80% dos pacientes com catarata traumática tiveram acuidade visual final menor ou igual a 20/400 e que 4,3% dos olhos foram excisados.

13 — ESTUDO DA INCIDÊNCIA DE AMBLIOPIA, ESTRABISMO E ANISOMETROPIA EM PRÉ-ESCOLAR

MARILIZA NANO COSTA
Professora Assistente da Disciplina de Oftalmologia do Departamento Oftalmo-Otorrinolaringologia da FCM da UNICAMP.

MANILDO FAVERO
Coordenador do Depto. de Medicina Preventiva e Social da FCM da UNICAMP.

Quinhentas e sessenta e nove crianças pré-escolares de idade variando de 2 a 9 anos, e representando cerca de 50% da população dessa faixa etária foram submetidas a exame oftalmológico na cidade de Paulínia (S.P.). Os resultados indicaram a incidência de 1,58% de estrabismo, 2,8% de ambliopia funcional e 1,23% de anisometropia.

14 — CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA VISÃO DE CORES

HENRIQUE CRÓSIO FILHO
Do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

EDHAIR GONÇALVES
Do Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

ARGEMIRO LAURETTI FILHO
Do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Os autores pesquisaram a visão de cores em 558 pessoas adultas, estudantes, médicos e funcionários da Faculdade de Medicina da Uberlândia, sendo 379 masculinos e 179 femininos.

Encontraram uma frequência global de 5,08% de deficientes visuais para cores, sendo 4,81% Deutan, 0,27% Protan e 0% Tritan. Nenhum caso foi encontrado entre pessoas do sexo feminino.

Não foi possível estabelecer relação entre frequência ou tipo de deficiência com as categorias profissionais.

Entre as 19 pessoas com deficiência para cores, 14(73,68%) eram condutores habituais de veículos automotores, não relatando dificuldades para isso.

Sugerem alterações da legislação para habilitação de motoristas.

15 — MICROSCOPIA DE VARREDURA DAS ESTRUTURAS DO SEIO CAMERULAR

JOHN HELAL JUNIOR
Médico-adido da Clínica Oftalmológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

STEPHEN BARTELS
Fisiologista no Departamento de Fisiologia e Oftalmologia da George Washington University, Washington, D.C., U.S.A.

Este trabalho foi realizado nas dependências do Serviço de Oftalmologia e Fisiologia da George Washington University.

O trabalho compreende o estudo morfológico das estruturas do seio cameral do macaco rhesus e cynomolgus, com especial interesse na parede interna do canal de Schlemm sob microscopia eletrônica de varredura. Também foi feita uma revisão sucinta dos aspectos controversos da literatura no que diz respeito a resistência à passagem do humor aquoso através do sistema convencional de escoamento.

16 — AVALIAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE TRIAGEM OFTALMOLÓGICA DE ESCOLARES DE 1.^a SÉRIE DO 1.^o GRAU

NEWTON KARA JOSÉ

Professor Titular da Fac. de Ciências Médicas da UNICAMP. Professor Livre-Docente da Faculdade Medicina da USP.

EDMÉA RITA TEMPORINI

Educadora de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar — Secretaria de Estado da Educação.

Os autores avaliam os resultados de triagem oftalmológica realizada pelos professores de uma escola estadual, considerando os critérios de encaminhamento a exame especializado preconizados no Plano de Oftalmologia Sanitária Escolar (POSE).

Entre 411 escolares examinados, verifica-se a existência de 48 casos de falsos positivos (encaminhamentos desnecessários) e de 5 casos de falsos negativos (erroneamente não encaminhados).

Analisando os falsos positivos, evidencia-se que 36 casos (75%) ocorreram em alunos com acuidade visual acima do limite considerado para encaminhamento e que se faz necessário um reforço periódico na orientação desses aplicadores, visando a minimizar esse número.

Analisam o critério de encaminhar crianças com acuidade visual igual ou menor do que 0,7, concluindo que, dentro das limitações de recursos assistenciais, este é um critério conveniente, em se tratando de oftalmologia sanitária.

17 — ALTERAÇÕES OCULARES POR PICADAS DE INSETOS

JOÃO BATISTA LOPES FILHO

Assistente-Doutor da Clínica Oftalmológica.

JOÃO ORLANDO RIBEIRO GONÇALVES

Professor Titular da Clínica Oftalmológica.

DURWAGNER BARROS DA SILVEIRA

Auxiliar de Ensino da Clínica Oftalmológica.

Trabalho realizado na Clínica Oftalmológica do Hospital Getúlio Vargas — Centro de Ciências da Saúde — FUFPI — Teresina (Serviço do Prof. João Orlando).

9 pacientes com lesões oculares por picada de insetos foram examinados. O exame oftalmológico constatou alterações severas no segmento anterior após o acidente.

As alterações oculares mais significativas foram: dor ocular intensa, diminuição da visão, ceratopatia bolhosa, precipitados ceráticos, hipópio, midriase, heterocromia de íris e opacificação do cristalino.

18 — LEVANTAMENTO OFTALMOLÓGICO EM ESCOLARES DA PRIMEIRA À QUARTA SÉRIES DO PRIMEIRO GRAU NA CIDADE DE PAULÍNIA, SÃO PAULO

NELSON MACCHIAVERNI FILHO

Prof. Assistente de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

GERSON RUEDA
Residente do 2º ano de Oftalmologia da FCM da UNICAMP.

Os autores relatam a incidência de anisometropia, ambliopia e estrabismo em escolares da rede municipal e estadual da cidade de Paulínia, examinados no período de abril a dezembro de 1978, através de exame oftalmológico completo.

Os resultados indicaram uma incidência de 3,72% de ambliopia funcional, 4,61% de estrabismo e 4,43% de anisometropia.

19 — RECONSTRUÇÃO DA PÁLPEBRA INFERIOR

MANSUETO MARTINS MAGALHÃES
Auxiliar de Ensino da Clínica Oftalmológica.

JOÃO ORLANDO RIBEIRO GONÇALVES
Titular da Clínica Oftalmológica.

Trabalho realizado na Clínica Oftalmológica do Hospital Getúlio Vargas. Centro de Ciências da Saúde — FUFPI. (Serviço do Prof. João Orlando Ribeiro Gonçalves).

Os autores analisaram vinte e dois (22) casos de reconstrução da pálpebra inferior, em pacientes portadores de lesão tumoral. Empregaram diversas técnicas, de acordo com a localização, extensão da lesão e comprometimento de estruturas vizinhas. O tratamento cirúrgico mostrou-se satisfatório, pois as recidivas e complicações foram bastantes reduzidas.

20 — TIMOLOL. AVALIAÇÃO PRELIMINAR

ROBERTO FREIRE SANTIAGO MALTA &
ARNALDO CARDAMONE AMENDOLA
Médico Assistente da Clínica Oftalmológica do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Serviço do Prof. Dr. Paulo Braga de Magalhães).

Dois grupos de pacientes foram submetidos a terapêutica antihipertensiva com timolol 0.25% ou 0.5%.

Nos pacientes do grupo 1 o tratamento foi muito bem tolerado, sem desconforto ocular ou outros efeitos colaterais. A Tabela 1 ilustra a pressão intraocular antes do início do tratamento com timolol 0.25% ou 0.5% e a média e o desvio padrão das pressões intraoculares na vigência da medicação.

Nos pacientes do grupo 2, medicados como timolol 0.5%, a média do percentual de redução da pressão intraocular após 1 hora e após 1 semana de uso da medicação foi respectivamente de 42.0% e 39.3%.

Nossos resultados preliminares confirmam os dados da literatura, sugerindo que o timolol pode realmente ser uma droga efetiva na redução da pressão intraocular associada a ausência de efeitos colaterais.

Todos os pacientes sob o uso de tal medicação devem ser observados de modo cuidadoso na procura do aparecimento de eventuais efeitos colaterais.

21 — USO DE TUBO DE POLIETILENO PARA MODELAGEM DO DUTO LACRIMONASAL

EURÍPEDES DA MOTA MOURA
Trabalho realizado na Clínica Oftalmológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

A modelagem do duto lacrimonasal foi realizada em 9 crianças portadoras de impermeabilidade congênita do referido duto, levando à remissão da epifora em todas elas.

É descrita a técnica empregada e são consideradas as vantagens do método.

O autor conclui tratar-se de um importante procedimento para procurar resolver as estenoses congênitas do duto lacrimonasal, que não puderam ser solucionadas pelas sondagens simples.

22 — ESTUDO DA ESTEREOPSIA EM PRÉ-ESCOLARES E ESCOLARES DA CIDADE DE PAULÍNIA, SÃO PAULO.

VERA LUCIA PEREIRA

Ortoptista do Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

DJALMA CARVALHO MOREIRA FILHO

Professor Assistente do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

GERSON RUEDA

Residente do 2º ano de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Através de exame ortóptico realizado em 1104 pré-escolares foi estudada a visão estereoscópica em diferentes idades, procurando também testar a validade da medida da estereopsia na detecção de alterações visuais. Os resultados obtidos nos sugerem os seguintes limites inferiores de estereopsia compatíveis com visão binocular normal: 4 a 5 anos, 100" de arco; 6 a 7 anos 50" de arco; 8 anos ou mais, 40" de arco. O teste da estereopsia mostrou-se um complemento válido aos demais exames que poderiam ser utilizados por pessoal não médico especialmente treinado para efetuar triagem oftalmológica a nível da população infantil.

23 — ALTERAÇÕES CORNEANAS DEVIDAS A OCLUSÃO PAPEBRAL INCOMPLETA DURANTE O SONO

FLAVIO FRANÇA RANGEL

Residente do 3º ano de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

HEITOR PANETTA &

NELMA LOURENÇO MAIA BARBOSA

Residentes do 2º ano de Oftalmologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Os autores estudaram a oclusão palpebral durante o sono de 235 pacientes, com idade média de 39,7 anos, internados na Santa Casa de Misericórdia de Campinas, F.C.M. UNICAMP, encontrando: 1 — uma incidência de 17,03% de pacientes dormindo com pelo menos um dos olhos expostos. 2 — diminuição da sensibilidade corneana nos olhos expostos, quer comparada com o olho não exposto dos mesmos pacientes, quer quando comparada com o grupo controle. 3 — incidência de ceratite maior nos olhos expostos (75,61% contra 50,95%). Essa diferença acentua-se quando considera-se graus mais severos de ceratite. 4 — a diminuição da sensibilidade corneana está associada com maior incidência de ceratite apenas nos olhos expostos.

Concluem que em pacientes com ceratite inferior deve-se também pesquisar a sensibilidade do terço inferior da córnea e modo de oclusão palpebral durante o sono.

24 — AÇÃO DE LENTES DE CONTACTO CONVENCIONAIS SOBRE A CÓRNEA DE COELHOS: — Estudo pela microscopia eletrônica

RICARDO LUIZ SMITH

Professor Assistente de Anatomia do Departamento de Morfologia da Escola Paulista de Medicina.

RICARDO URAS

Professor Assistente de Oftalmologia do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Escola Paulista de Medicina.

IRINEU PONTES PACHECO

Chefe do Departamento de Morfologia da Escola Paulista de Medicina. Chefe do Setor de Microscopia Eletrônica.

Trabalho financiado por bolsa de pesquisa da F.A.P.C. do Centro de Estudos de Oftalmologia. «Prof. Mcacyr E. Alvaro».

Foram estudados sete coelhos albinos, com idade de 12 meses, nos quais adaptou-se lentes afocais de metil-metacrilato em um olho. O tempo de uso variou de 24 horas ininterruptas a 180 dias com 8 horas de uso diário.

Controles biomicroscópicos periódicos foram realizados.

O procedimento foi o usual para microscopia eletrônica, sendo que após a anestesia foi instilada acetilcisteína seguida do líquido fixador (solução de glutaraldeído a 2%, Tampão fosfato, 0,32 Osm).

Foram examinados alguns fragmentos das córneas controle e experimental de cada animal por meio do microscópio eletrônico de transmissão (Zeiss EM9-S, Departamento de Morfologia, Escola Paulista de Medicina) e após secagem pela técnica do ponto crítico e metalização pelo Au-Pd, os outros fragmentos foram estudados pelo microscópio eletrônico de varredura (Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo).

Os resultados foram analisados do ponto de vista clínico. As complicações no decorrer no estudo foram: hiperemia conjuntival, ceratoconjuntivite, úlcera, nébula, leucoma e neoformação vascular no estroma.

Os achados morfológicos foram: as células de superfície do epitélio se apresentam de três tipos de acordo com a riqueza de micropregas e microvilos. Foi demonstrado que as células mais ricas em microprojeções, são as que descamam, sugerindo serem eles as células "velhas" do epitélio. As alterações encontradas após o uso de lente, foram:

a) Após o uso por 24 horas: Desorganização total do padrão poligonal de superfície, ruptura de células, edema celular, desaparecimento de microprojeções e erosão do epitélio e

b) Após o uso prolongado: aumento da exfoliação celular, formação de microerosões e depressões celulares. Alterações do padrão de micropregas e microvilos. Formação de: 1) dobras e reentrâncias na superfície celular; 2) microelevações globulares

Pela microscopia eletrônica de transmissão notou-se: a) desaparecimento dos grânulos de glicogênio. b) aparecimento de vacuolos intracelulares. c) alteração da disposição da heterocromatina nos núcleos de células superficiais. d) no estroma: aumento de substância interfibrilar eletrodensa e assimetria no arranjo das fibrilas do colágeno, caracterizando o edema corneano.

Essas alterações foram interpretadas como resultado da anóxia, a qual foram submetidas as córneas experimentais sendo caracterizadas alterações agudas, originadas pelo uso contínuo da lente e alterações crônicas pelas condições de anóxia intermitente e prolongada.

25 — REPRODUCIBILIDADE DA CURVA DIÁRIA DE PRESSÕES

REMO SUSANNA JR. &
WALTER Y. TAKAHASHI
Médicos Assistentes da Divisão de Clínica Oftalmológica (Serviço do Prof. Paulo Braga de Magalhães) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

17 indivíduos num total de 32 olhos foram estudados na primeira parte do presente trabalho, com o intuito de se observar a reprodutibilidade do pico pressórico pressão média e variabilidade da curva tensional diária em dias consecutivos de indivíduos com PIO > 21mmHg e ângulo aberto. Na segunda parte, em 15 dos 17 indivíduos, num total de 28 olhos foi realizada nova curva tensional diária com intervalo não inferior a 7 dias e não superior a 1 mês.

Observa-se que o pico pressórico e a pressão média mostraram-se reprodutíveis respectivamente em 87,5% e 75% dos olhos em dias consecutivos e 67,8%

e 78,6% dos olhos em dias não consecutivos.

Ao contrário a variabilidade mostrou-se irreprodutível em 68,7% e 71,4% dos olhos em dias consecutivos e não consecutivos respectivamente.

O presente trabalho vem mostrar que tanto o pico pressórico como a pressão média podem ser usados como parâmetros para caracterizar o perfil pressórico de um dado paciente em determinada época bem como critério de avaliação da eficácia de drogas, o mesmo não ocorrendo com a variabilidade.

26 — VITRECTOMIA VIA PARS PLANA NO TRATAMENTO DAS CATARATAS SECUNDÁRIAS E DE HEMORRAGIA VÍTREA

HISASHI SUZUKI

Médico Assistente Doutor da Divisão de Clínica Oftalmológica do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Serviço do Prof. Paulo Braga de Magalhães).

YOSHITAKA NAKASHIMA

Médico Assistente da Divisão de Clínica Oftalmológica do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da U.S.P. (Serviço do Prof. Paulo Braga de Magalhães).

A vitrectomia via "pars plana" foi utilizada no tratamento cirúrgico das cataratas secundárias e das hemorragias vítreas. Houve melhora da acuidade visual de 20/20 a 20/40 em 55% das cataratas secundárias e praticamente nenhuma complicação.

Nas hemorragias vítreas, 27,2%, obtiveram acuidade visual entre 20/20 e 20/40.

27 — AÇÃO DA NICERGOLINA NO TRATAMENTO DE AFECÇÕES OCULARES DE ORIGEM VASCULAR

JOSEF TOCK

Médico Chefe de Enfermaria Clínica Oftalmológica do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo. Encarregado do Setor de Fluoresceinografia do Departamento de Retina da Clínica Oftalmológica do H.S.P.E. SP.

Vinte pacientes com retinopatias devidas a obstruções vasculares na microcirculação, em especial com hemorragias e exsudatos, foram tratados com 30mg diários de nicergolina por via oral (drágeas de 5mg), durante 2 meses, em ensaio aberto. Dez casos de retinopatia diabética, 3 de retinopatia hipertensiva e mista, 6 de maculopatias e 1 de retinose pigmentar primária. Controle clínico e com exames de acuidade visual, fundo de olho e, principalmente, angiofluoresceinografia retiniana. Melhora subjetiva da acuidade visual na maioria dos pacientes. A eficácia da nicergolina foi comprovada, quando empregada nas fases iniciais das patologias estudadas.

28 — HIPERTENSÃO OCULAR CORTISÔNICA NO PÓS-OPERATÓRIO RECENTE DE TRABECULECTOMIAS

YEHUDA WAISBERG

SEBASTIÃO CRONEMBERGER SOBRINHO

NASSIM CALIXTO

Trabalho realizado no Serviço de Glaucoma do Anexo São Geraldo do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

São apresentados quatro casos de hipertensão ocular cortisônica do tipo alta resposta, ocorridos no pós-operatório recente de pacientes submetidos a trabeculectomias. A elevação tensional desapareceu ao suspender-se a instalação de colírios contendo dexametasona. A incidência desse tipo de resposta foi de aproximadamente 2% com relação às trabeculectomias realizadas nos últimos dois anos no Serviço de Glaucoma do Anexo São Geraldo do Hosp. das Clínicas da UFMG. Discute-se o provável mecanismo dessa hipertensão ocular induzida e chama-se a atenção para o cuidado que se deve ter no controle de pacientes glaucomatosos recém-operados em uso de colírios de corticosteróides que possuam grande efeito hipertensor.